

São Paulo, 18 de fevereiro de 2025

Caro Presidente e membros do Conselho de Administração,

O Jockey Club de São Paulo atravessa um momento crítico e delicado. A situação financeira não é apenas frágil—é insustentável. Treinadores estão há mais de dois meses e meio sem receber, proprietários na mesma situação, jóqueis e cavaleiros são pagos parcialmente conforme a disponibilidade de escassos recursos, e praticamente todos os fornecedores estão com pagamentos pendentes. Estamos à beira de uma avalanche que pode comprometer de vez a estrutura do clube.

Quero reiterar a gravidade da nossa situação para que não haja dúvidas. Os prêmios das corridas do dia 12 de outubro de 2024, da segunda prova da Tríplice Coroa, ainda não foram pagos. Os profissionais têm mais de R\$ 300.000,00 a receber, e o montante acumulado para quitação aos proprietários já ultrapassa R\$ 1.400.000,00. Pagamos fornecedores a conta-gotas, e temos dias em que nosso caixa é praticamente inexistente. No âmbito jurídico, travamos batalhas em diferentes frentes, sendo a mais urgente a iminência do leilão do imóvel de Campinas, daqui a pouco mais de um mês. Por isso, neste exato momento deveríamos estar concentrados por dias e horas nos prós e contras de uma possível recuperação judicial para salvar o clube. Em minha opinião, deveríamos estar fazendo reuniões de Conselho semanais para tratar dessa situação e de outras com a urgência que elas exigem. Lamentavelmente, a pauta mais discutida hoje em reunião de Conselho do JCSP foi a atualização das tratativas para as comemorações do sesquicentenário. Isso não é apenas um desvio de prioridade; é uma afronta ao turfe e à própria continuidade do Jockey Club de São Paulo. De que adianta celebrar 150 anos se não há garantias de que chegaremos aos 151?

O Jockey está ruindo e, em vez de buscarmos soluções concretas e urgentes, insistimos em distrações. Não sou contra nenhum conselheiro ou eventos comemorativos, mas defendo que, nesse caso, sejam planejados de maneira condizente com nossa realidade. Eventos devem ser planejados com responsabilidade. Se há algo a celebrar, que seja a reconstrução do Jockey e não uma ilusão de estabilidade que não condiz com os fatos.

Além da crise financeira, o turfe segue em declínio acelerado. Os páreos estão cada vez mais esvaziados e há um risco iminente de êxodo de cavalos devido à insegurança financeira e à total ausência de um plano estratégico de recuperação. Até agora, o Presidente não apresentou qualquer estratégia concreta, tampouco estruturou uma equipe qualificada para implementar soluções. Nos últimos dois meses, estive todos os dias dentro do Jockey, observando de perto sua realidade e compreendendo suas dificuldades. Não sou um “salvador da pátria”, como fui rotulado por um conselheiro, mas ao menos estou agindo. Felizmente, não estou sozinho—há muitas pessoas dispostas a lutar pela recuperação do Jockey.

É inconcebível a desconexão de alguns conselheiros com a realidade. Enquanto o clube desmorona, há quem aja como se estivéssemos em tempos de prosperidade. Isso me lembra um comandante que, ao ver seu navio afundando, deveria reunir sua tripulação para salvar a embarcação, mas opta por organizar um baile de gala no convés. Ou melhor, o circo está pegando fogo e alguns estão dando banho no elefante. O momento exige ação imediata, comprometimento e responsabilidade. Vejo isso em alguns poucos conselheiros que resistem, mas a frustração deles é evidente diante do absurdo que é discutir celebrações enquanto há profissionais sem receber.

Diante desse cenário, sou terminantemente contrário à maneira como o clube está sendo conduzido—de forma amadora, superficial e sem planejamento. Aos que me chamam de jovem, surpreendentemente de forma pejorativa, lembro que tenho 20 anos de experiência no turfe internacional, atuando em cinco países (Irlanda, Inglaterra, Estados Unidos, Emirados Árabes e Austrália). Sempre acreditei que poderia contribuir com o hipódromo onde minha paixão pelo esporte começou. Fui criticado por cobrar urgência nas ações. Se exigir responsabilidade e rapidez me faz estar “com muita sede ao pote”, que assim seja. O que não aceito é assistir passivamente à destruição do JCSP. Poderíamos ter o apoio fundamental de sócios experientes em diversas áreas, mas, infelizmente, há uma resistência inexplicável da liderança do clube.

A única saída para o Jockey é equilibrar de forma coordenada as frentes financeira e jurídica, por meio de decisões concretas e bem estruturadas. A recuperação judicial pode ser, de fato, uma alternativa viável, e esse debate precisa ocorrer imediatamente. Não sou especialista no assunto, mas temos advogados qualificados no Conselho que podem orientar esse processo com a seriedade necessária. O tempo para agir está se esgotando. Além disso, existem soluções imediatas para gerar receitas como o evento previsto para arrecadar R\$ 1.200.000,00 em apenas três dias de utilização do peão do Prado e a parceria com a Confederação Brasileira de Hipismo, cogitada há mais de uma década.

Vou repetir: o Jockey Club de São Paulo está à beira da ressurreição ou do colapso. Diante desse cenário e da flagrante diferença de visão sobre como gerir o clube, venho, com grande pesar, disponibilizar meu cargo como conselheiro. Esta demissão é devido a falta de estratégia, planejamento e compromisso com a real recuperação do Jockey. O clube se recusa a enxergar sua própria realidade, e eu me recuso a compactuar com essa cegueira institucional. O Rei está nu, e fingir o contrário não mudará os fatos. Espero que, em algum momento, o clube reencontre seu rumo e compreenda que mudanças verdadeiras não são apenas desejáveis, mas inevitáveis. O turfe e, acima de tudo, o cavalo merece mais. Nós temos a obrigação de entregar um futuro digno para esta instituição.

Atenciosamente,

Fabricio Buffolo